



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2747 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 06 - Educação Popular

ENCONTROS-AULA DE ALFABETIZAÇÃO "NÃO-ESCOLAR": COMO FORMA DE RESISTÊNCIA À ESPAÇOS/TEMPOS NEOLIBERAIS
Zulmira Ferreira de Jesus Cacemiro - UNISANTOS - Universidade Católica de Santos
Agência e/ou Instituição Financiadora: Financiamento: Governo Estadual de São Paulo/ Secretaria de Educação

Resumo

O presente artigo descreve os *encontros-aula* de alfabetização não-escolar com o objetivo de descrever a experiência de alfabetização "não-escolar" de migrantes no município de Guarujá-SP como uma forma de resistência à espaços/tempos neoliberais. Destaca o referencial teórico de Freire (1966; 1967), entre outras obras, para analisar a prática educativa e BALL (2002) quanto à importância do educador na implantação de políticas educacionais. Conclui afirmando que essa experiência de alfabetização, amparada pela pesquisa-ação, encontrou limites e possibilidades, mas foi uma forma de resistência ao modelo de educação não-formal previsto na concepção do PROGRAMA HABITAR BRASIL/BID.

Palavras-chave: Encontros-aula. Alfabetização "não-escolar". Resistência.

INTRODUÇÃO

O objetivo do texto é descrever os encontros-aula de alfabetização realizados no canteiro de obras na Vila do Areião, na cidade na periferia do Município de Guarujá que integra a região Metropolitana da Baixada Santista. Os *encontros-aula* tiveram um caráter de resistência, pois, de um lado, a proposta de educação não formal, prevista pelo Programa Habitar Brasil de Reurbanização, e compatibilizado com critérios BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), visava à capacitação profissional, à geração de renda alternativa e assumia um caráter assistencialista, de outro, a organização dos *encontros-aula* de alfabetização "não-formal" assumia a concepção teórica crítica de Paulo Freire no que se refere ao processo de reflexibilidade, dialogicidade e politicidade.

A vila do Areião é uma área subnormal, irregularmente ocupada por migrantes que, antes da reurbanização, tinha barracos aglutinados e serpenteados por pequenas vielas. O crescimento da população da cidade acentuou-se nas décadas de 70 e 80 com a explosão imobiliária, sobretudo, pelo processo migratório de famílias oriundas, principalmente, do nordeste brasileiro.

Este artigo está dividido em quatro seções: da contextualização, dos procedimentos metodológicos, do referencial teórico, da análise dos dados aos resultados e conclui apresentando as possibilidades e limitações dos encontros de alfabetização "não-escolar" como uma forma de resistência à espaços/tempos neoliberais.

Espera-se que este relato possa, unido à outras experiências de resistência, servir como reflexão sobre a importância das pequenas rachaduras na capota solidificada da dominação promovida pela razão do estado neoliberal: capitalista, colonialista e imperialista, como afirma SANTOS (2000), e impede a possibilidade da coexistência dos diferentes.

DA CARACTERIZAÇÃO DOS ENCONTROS-AULA

Os *encontros-aula* da alfabetização "não-escolar", na vila do Areião, na cidade de Guarujá/SP, de 2003 a 2008, aconteceram num barracão de madeira. Tratava-se de uma ação pedagógica local de uma educadora, filha de migrantes nordestinos, cujos pais nunca haviam frequentado a escola formal e assume o compromisso de alfabetizar migrantes nordestinos em condições desfavoráveis, pois compreendia o lado que deveria ocupar no compromisso social.

O barracão tinha condições precárias e, nesse espaço, houve ação educativa na perspectiva freireana para a alfabetização de moradores migrantes, objeto de pesquisa para a dissertação de mestrado. A ação educativa durou cinco anos. Desenvolvida por uma educadora, formada segundo o padrão oficial e pertencente ao quadro de magistério da rede pública municipal. Apresentava, portanto, aspectos teórico-metodológicos indispensáveis à mediação no processo de apropriação da leitura e da escrita, especialmente no que se refere ao atendimento escolar (CACEMIRO, 2008).

Embora o processo educativo tenha ocorrido em ambiente não convencionalmente escolar, aqui denominado como alfabetização "não-formal", não assumiu os aspectos da educação alternativa que, na maioria das vezes, é compreendida como a proposta adequada aos setores populares (CACEMIRO, 2008); entretanto, o Projeto Habitar Brasil/BID visava uma ação educativa não formal para a melhoria das condições de vida dos migrantes pela geração de renda alternativa.

As três comunidades em condições subnormais (Areião, Rã e Sossego) receberam várias intervenções de reurbanização ligadas à implementação do PROGRAMA HABITAR BRASIL/BID. Os assistentes sociais fizeram o cadastramento dos moradores e levantaram o percentual de sujeitos não alfabetizados: motivo pelo qual foi implantado o projeto de alfabetização na comunidade. A inserção de projeto de alfabetização era uma das exigências contratuais e colocava, lado a lado, as aulas de artesanato com reaproveitamento de materiais recicláveis e aulas de alfabetização visando à geração de renda.

A princípio, seria, simplesmente, a inserção de um professor alfabetizador ou um voluntário, pois não havia a exigência de um profissional qualificado. Quando a educadora, aqui mencionada na terceira pessoa, soube do projeto de alfabetização no canteiro de obras da Secretaria de Desenvolvimento e Assistência Social, organizou e apresentou o projeto que foi aceito. A educadora passou a atuar como docente no canteiro de obras; os alunos não alfabetizados dessa experiência serão tratados pelo termo "migrante" para garantir a objetividade na linguagem.

Para organizar o modo de ensinar e a organização curricular, a educadora elaborou a proposta de alfabetização levando em consideração as dificuldades de trabalho dos migrantes e articulando com as possibilidades de horário de estudo. Cada *encontro-aula* durava cerca de duas horas e buscava a produção da leitura e da escrita pelo envolvimento com a vida e as experiências cotidianas dos alunos. Eram atendidos homens e mulheres do bairro, totalizando, aproximadamente, 32 migrantes, distribuídos em dois turnos.

Com as informações colhidas na matrícula sobre os horários de trabalho dos migrantes e a disponibilidade de tempo para o estudo e as rodas de conversa, houve uma organização para desburocratizar o atendimento. Assim, foram organizados dois grupos: o das 17h00 às 19h00, para os mais idosos e os com necessidades especiais; das 19h30m às 21h00m, para os que tinham problemas com horário de trabalho. Estes não foram os únicos ajustes, houve também adequações curriculares, escolhas de temas e seleção de conteúdo, de acordo com os rumos das discussões de cada grupo. Como também, foi necessário repensar sobre o quê, o como e o porquê ensinar, como afirma Apple (1995), reformulando, assim, o currículo mediante os diálogos nas rodas de conversa.

DO REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico pautado nos eixos antropológicos, axiológicos e epistemológicos de Paulo Freire (1996), entre outras obras, aponta para a necessidade do posicionamento crítico na vivência da educação, na superação das posturas “ingênuas” ou “astutas” e na recusa de neutralidade. Franco (2017, p.152) afirma que epistemologia de Paulo Freire não dissocia a racionalidade pedagógica crítica dos processos de reflexividade, dialocidade e politicidade, como também, existe a incompatibilidade entre a racionalidade pedagógica crítica e a espaços/tempos neoliberais.

Em relação à implementação de políticas educacionais, Ball (2002, p.7) afirma que “[...] política precisa ser reconstruída e recriada em relação ao contexto. Precisa ser traduzida do texto para a prática, de palavras no papel para ações em sala de aula, ou outros lugares”. Assim, o relato desta experiência de encontros-aula para a alfabetização implantada no bojo da execução política do PROGRAMA HABITAR BRASIL/BID que previa ações educativas não-formais, contudo, os encontros-aula de alfabetização, organizados por uma educadora, como uma forma de resistência, mostrou a divergência entre “a palavra de texto” da política pública que desejava ser aplicada na localidade e a ação real e criativa do ator social com propósitos contrários à dominação e à domesticação.

As abordagens teóricas e metodológicas de análise de políticas educacionais de Stephen J. Ball (2002) indicam que não existe a linearidade simples na implementação de política; aliás, ele refuta a ideia de “implementação”, porque os verdadeiros atores políticos são realizados por atores com cargos de autoridade como diretores, educadores e coordenadores. Daí decorre a importância do ator social na “implementação” de políticas públicas como uma forma de resistência.

DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa ação educativa iniciou-se em 2003, e, posteriormente, no ano de 2006, também passou a fazer parte da pesquisa para a dissertação de mestrado “Trabalho, inclusão social: trajetórias de migrantes inseridos na comunidade do Areião na cidade de Guarujá/SP, concluído em 2008”, vinculada ao Projeto de Pesquisa “Currículo e Avaliação em Instituições Educacionais da Baixada Santista”.

Os migrantes que participaram desse projeto eram nordestinos e residiam na cidade de Guarujá. Alguns narravam que “já haviam frequentado uma instituição escolar e dela se evadiram; outros, nunca haviam frequentado”. Lutavam por melhores condições de vida, por direitos básicos de sobrevivência, tinham o desejo de aprender a ler e escrever, mas, impedidos pela luta pela manutenção das próprias vidas e pelos ritos burocráticos do ensino formal, não tiveram acesso à escola. Do grupo de 32 sujeitos, foram selecionadas as narrativas de 12 migrantes.

TABELA 1- Dados dos migrantes

NOMES FICTÍCIOS ESCOLHIDOS PELOS MIGRANTES	NATURALIDADE	IDADE NA DATA BASE -2007	PROFISSÃO	ANO DA MIGRAÇÃO
1- Sebastiana	Paraíba	68	Cozinheira	1959
2 - Francisca	Paraíba	35	Do lar	1973
3- Luiza	Paraíba	52	Ajudante geral	1973
4- Severino	Paraíba	51	Pedreiro	1979
5- Palmira	Paraíba	54	Ajudante Geral	1982
6 - Severina	Paraíba	47	Lavadeira	1985
7- Maria das Graças	Pernambuco	46	Vendedora autônoma	1989
8 – Eliete	Bahia	38	Faxineira	1993
9- Judite	Bahia	48	Doméstica	1993
10- Luzia	Pernambuco	34	Do lar	1994
11 - Aurinete	Pernambuco	38	Caseira	2005
12- Domingos	Pernambuco	42	Pintor	2004

FONTE: CACEMIRO (2008)

O objetivo era analisar, partindo da visão do sujeito, quais eram as possibilidades de acesso ao conhecimento escolar para migrantes não alfabetizados que não frequentaram a escola formal, mas que estavam inseridos na experiência de alfabetização "não escolar". Partindo da análise das narrativas das histórias de vida sobre o desejo de estudar e as trajetórias de vida escolar dos migrantes, buscou-se levantar reflexões sobre os circuitos perversos que os impediam de acessar ao conhecimento escolar e verificar as possibilidades e as limitações de inclusão escolar e social.

Além do contato e a vivência diária, os instrumentos de pesquisa utilizados foram questionários semidiretivos com perguntas fechadas e padronizadas e outras abertas e entrevistas semi-estruturadas (MANZINI,1991 e 2003) com roteiro para a coleta da história de vida (GOHN,2001) apoiado na teoria crítica social e freireana.

A abordagem da pesquisa-ação estava apoiada em Thiollent (1986) que afirma ser uma "ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo" (THIOLLENT, p.14,1986); Franco (2005) quanto à pedagogia da pesquisa-ação e Abdalla (2005) quanto à pesquisa-ação como instrumento de análise e avaliação da prática docente. A pesquisa-ação assumiu o caráter participativo, democrático e contribuição à mudança social.

Por fim, foi utilizado, também, o grupo focal (GATTI,2005) numa abordagem qualitativa em pesquisa social, para confrontar a hipótese entre os sujeitos pesquisados, captar a realidade vivenciada de grupo social determinado (migrantes, adultos e não alfabetizados da comunidade do Areião - Guarujá-SP) para discutir o tema "Circuito Perverso": sobrevivência, o trabalho e o desejo de estudar.

Da análise dos dados aos resultados

As transcrições coletadas do grupo focal não foram editadas, isto é, foram mantidas as expressões e as pronúncias dos sujeitos. O objetivo era a transparência fidedigna da expressão dos sujeitos pesquisados que, por meio de suas falas, denotavam a condição de migrantes e, ainda, foi preservado o modo linguístico oral do cotidiano dos migrantes revelando as marcas de suas origens culturais e mantendo a lealdade aos depoimentos. (CACEMIRO, 2008, p.43). Conforme, o relato que segue:

Aí vim pra
aqui... a
professora
Zulmira
tava dando
aula lá na
Vila Rã... aí
seu
Antônio,
aquele
veinho né,
falou que...
foi ... disse:
Lá ela tá
"ensinando",
eu digo vo
lá! Marquei
com ele de
ir lá e,
graças a
Deus, que
ela foi uma
boa
pessoa,
uma boa
professora
por nós.
Num....
num tô
num
colégio
mais alto
hoje por
causa que
eu tive
problema
de doença,
tanto que
ela aqui
sabe né,
mas tem
que não
dá. Muito
Graças a
Deus a ela
por ter
ensinado
muita coisa
pra nós,
porque
nós num
sabia de
nada...
né... aí to
aqui até
hoje,
graças a
Deus...Num
tenho
nada,
mas... fazo
o que? A

gente só
tem aquilo
que Deus
quer, né?
Aí pronto!
O que eu
tenho que
contar é
isso!

O migrante, "Severino" nascido na Paraíba, numa cidade chamada Brejo de Areia, aos 54 anos, estava começando a ler e escrever e sentia-se mais encorajado para frequentar a escola regular, contudo, por problemas de saúde, lamentava não estar "no colégio mais alto" e permaneceu nos encontros-aula do canteiro de obras. Na infância, trabalhou em carvoarias e foi mais uma das crianças invisíveis da sociedade brasileira e, na época da pesquisa, amargava as consequências de um trabalho pesado e insalubre.

Na discussão do grupo focal foi possível constatar, entre os sujeitos pesquisados, a cristalização da ideia (senso comum), partilhada entre os migrantes, de que frequentar a escola regular é uma responsabilidade do indivíduo e o fracasso também é um problema individual. A educação não era entendida como um direito e a alfabetização, inserida na comunidade local, com ajustes nos ritos e nos horários, era compreendida como algo inferior, comparando-se com a escola regular, mesmo com o progresso na aprendizagem. Não tinham condições para ter acesso ao modelo formal oferecido nas escolas públicas, mas era idealizado como modelo correto àquele que tem rigidez de horários e "grades" curriculares. Lamentavam por não ter condições de acesso à escola formal, mas estavam conformados.

Houve também o avanço quanto à criticidade em relação as condições oferecidas e à educação como direito. Segue a narrativa colhida no grupo focal pela migrante "Francisca":

Olha!Eu
acho que
se a
prefeitura
tivesse
feito isso
(referindo-
se aos
encontros-
aula),
muitos
anos atrás,
muitas
pessoas já
teriam
estudado já
tinham
estudado
aqui perto
mesmo.Mas,
olha a
nossa
situação
aqui. Olha!
A situação
da nossa
salinha não
dá não.
Quando
chove
entra tudo
aqui. A
gente não
pode nem
vir. Tem
que fazer
alguma
coisa mais
organizada.

O grupo de migrantes constatou que as condições estruturais oferecidas no canteiro de obras, na alfabetização "não escolar", embora ajustada às realidades dos sujeitos, não eram suficientes e nem adequadas para o atendimento pedagógico e, neste ponto, os migrantes exigiam melhores condições, mas queriam a reprodução da escola formal.

Assim, os diálogos sobre o problema do circuito perverso (sobrevivência-trabalhar e estudar), não se limitou a reforçar o senso comum. Buscou-se, por meio de diálogos e confrontando com os sucessos obtidos na alfabetização "não escolar", encontrar caminhos para a resolução do problema.

Foi possível captar a objetividade e a subjetividade da percepção dos sujeitos envolvidos sobre o circuito perverso. Embora estivesse enraizada a ideia ingênua que não entendia a educação como um direito e, conseqüentemente, a não percepção de que a responsabilidade pelo fato de não serem alfabetizados estava ligada ao contexto histórico e socioeconômico, com a ausência de políticas públicas, buscou-se a superação deste ideário de dominação nas rodas de conversas, nos diálogos permanentes e também pela aquisição do conhecimento da leitura e da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo um duplo objetivo, a de uma ação educativa e da pesquisa acadêmica, os encontros-aula foram constantemente alimentados pelas narrativas das trajetórias de vida dos migrantes e a pesquisa, para além da aquisição de título de mestre, serviu para encontrar acesso ao conhecimento escolar para os migrantes pesquisados e impedidos de frequentar o ensino formal devido os obstáculos sociais e problemas com os horários de trabalho. Contudo, houve limitações e impossibilidades porque o projeto não teve continuidade e nem foi assumido como uma ação política local.

Desta forma, torna-se imprescindível ter como ponto de partida a realidade local e a importância de atores que, de fato, implementam políticas com criatividade e objetivada na emancipação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ABADALLA, A. **Pesquisa-ação como Instrumento de Análise e Avaliação da Prática Docente**. Rio de Janeiro, v.13, n.48, p. 383-400, jul. /set. 2005.
- APPLE, Michael W. **A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional** In. MOREIRA, Antônio Flávio. **Currículo, Cultura e Sociedade**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- AVELAR, M. **Entrevista com Stephen J. Ball: Uma análise de sua contribuição para a pesquisa em política educacional(translated version). Originally published as: Interview with Stephen J. Ball: analyzing his contribution to education policy research**. UCL Institute of Education – University of London, v. 24 n. 24, 2016.
- BALL, Stephen J. **Performatividade, privatização e o pós-estado do bem-estar educação & sociedade**. Campinas, Brasil. vol. 25, núm. 89, septiembre-diciembre, 2004, pp. 1105-1126. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87314213002> Acesso no dia 12/05/2018.
- CACEMIRO, Z. F. de J. **Trabalho, inclusão social: trajetórias de migrantes inseridos na comunidade do Areião na cidade de Guarujá/SP**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, SP, 2008.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa** 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Da necessidade/atualidade da pedagogia crítica: contributos de Paulo Freire Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 154-170, maio. /ago. 2017. <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>
- _____, Maria Amélia do Rosário Santoro. A pedagogia da pesquisa-ação. Educação e Pesquisa – Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v.31, n 3, p. 483-502, dez.2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio: Paz e Terra, 1967.
- _____, Paulo. **Investigação e metodologia da investigação do "tema gerador"**. In: TORRES, C. A. Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire. São Paulo: Loyola, 1979b.
- _____, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.
- _____, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____, Paulo. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Editora Paz e Terra, p.28, 1983.
- _____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. p.57-76. 1996,
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas** Brasília-DF: Líber Livro, 2005.
- GOHN, M. da Gloria. Educação não formal e o educador social. São Paulo: Cortez, 2001.
- MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- _____, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.). **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. **Currículos e Programas no Brasil**. Campinas. SP: Papirus, 1999. THOLLENT, MICHEL. **Metodologia de pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez. Autores Associados, 2000.
- SANTOS, B. de S. **Crítica da razão indolente: contra o desperdício de experiência**, São Paulo: Cortez, 2000.